



O ESPOZENDENSE

Semanário republicano, independente, defensor dos interesses deste concelho

Este n.º foi visado pela censura

Director, adm. e propriet. — José da Silva Vieira. — Editor: José da Silva Vieira Junior. — Comp. e impressão: Typ. Espozendense — Espozende

Pagamento adiantado. Redacção e administração — Rua Veiga Beirão, 7 a 9 — Espozende.

Noticias literarias mediante dois exemplares. Não se restituem originaes não publicados.

* * DECANO DOS JORNAIS DO DISTRITO DE BRAGA * *

Rocha Gonçalves e o nosso Hospital

Pela casa Bastian tregue no dia 7 do sa da Misericórdia termia que o grande Francisco da Rocha ao Hospital desta vila.

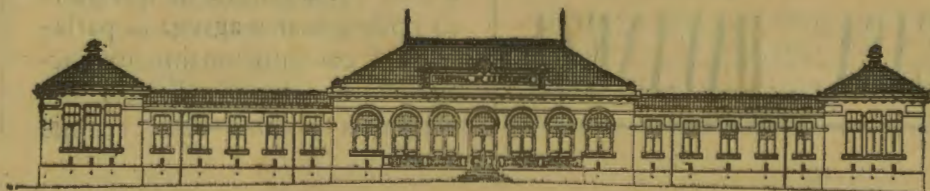


L.^{da}, do Porto, foi encorrente á Santa Ca- um aparelho de dia- benemérito Ex.^{mo} Sr. Gonçalves ofereceu

A's experiencias assistiram os Ex.^{mos} Snrs. Presidente da Câmara, Drs. Ramiro de Barros Lima, Joel Magalhães, Fernando Barros e o Provedor da Santa Casa.

O aparelho oferecido é de valor de alguns milhares de escudos e representa um grande melhoramento para o nosso Hospital e para toda a vila e concelho.

Bem haja a S. Ex.^a



OS POBRES

E' triste e doloroso andar de porta em porta a estender a mão á caridade, pedindo o triste bocado de pão, para matar a fome, ou um trapo para cobrir a nudez do corpo. Quantas e quantas vezes, em casa de rico, são espalhados aos cães os bocados que sobram de sobre a mesa, como por escárneo dos pobresinhos! Se se prestasse atenção aos gemidos da miséria e da fome, por esse mundo de Cristo, quantos corações comovidos se desfariam em pranto ao verem assim a pobreza ultrajada! Como será triste, nestas noites de inverno em que o vento sibila, ao longo das serras, para os que não têm uma choupana para se agasalhar! Tristes, como noites sombrias, percorrem os povoados em busca duma alma de bem que lhes mitige a miséria.

Que dor! que martirio! Se a caridade esperada por uma ânsia infanda, se transforma em vulto fantástico de avareza e orgulho.

Tanto em dias de calor das estiagem do verão, como em dias de frio que congela os ossos aos que não têm agasalho, lá os vemos seguir para tarefa monetária que os faz sofrer.

Vélhos curvados como juncos, arrastam-se ao lado de grossos bordões, sem amparo, sem conforto, quasi sem vida e sem pão. E' revoltante ver esmagados pela soberba, aqueles a quem a sorte não basejou. Para sabermos melhor, como são tratados os pobres, onde o amor á pobreza não vinca nas almas a caridade, acompanhemos o que se passa em toda a parte, mas, principalmente, nos meios sitadinos do nosso país. Ainda não ha muito, alguém me narrou, enternecidamente, episodios dum triste caso passado; numa das grandes artérias duma cidade minhota.

Uma pobre mulher, com lágrimas nos olhos, dava provas de ser mãe, como aquelas que sacrificam a vida para a felicidade dos filhos. De rosto amarelado, cabelos desgrenhados, cujos andrajos lhe cobriam o corpo esguio minado pela fome. Ao colo, sustentava uma criança teria ano e meio, em cujo rosto se notava um aspecto denunciante de pouca saúde, e onde haviam os sinais duma tuberculose imminente. Rodeavam-na duas crianças esfomeadas que lhe pediam pão, para contentar as suas bocas famintas. Neste transe aflitivo; aquela mãe estendia a mão,

pedindo uma esmola aos que Deus dotou de recursos, para valer aos que não tem.

De repente, mãos ossudas arrancam aquela vitima da fome e da miséria donde a caridade, a pouco e pouco, lhe ia suavizando o fardo pesado que o destino lhe trouxera.

Onde iria parar a desgraçada? A casa dum rico?... Onde luxo ostenteia e a mesa farta faz esquecer o que Jesus prégou em favor dos necessitados! Não... Essa mãe desgraçada foi redobrar a dor violenta que a consumia num lugar reservado a criminosos. Estas cenas merecedoras de verdadeira repulsa não deixam de magoar as pessoas que lhes assistem, visto que ferem, dum certo modo, a dignidade humana e desprestigiam uma obra que, ha mais de dez anos, vem tomando grande incremento a favor dos necessitados.

Ninguém poderá ficar insensível perante estes actos da mais requintada crueldade, mas sobretudo aqueles que se declaram catolicos de credos e discipulos de Cristo, de cuja doutrina receberam os mais belos ensinamentos de caridade cristã. São esses desprezados e abandonados, no mundo, que pedem, em tom suplicante, não só o pão que lhes mata a fome, como ainda, o auxilio a alguém, para que apresente ás autoridades supremas a sua deplorável situação. Não se duvida de que o Estado Novo tenha concorrido, quanto possível, para debelar o mal que pesa sobre muitas familias que vivem na indigência, criando; para esse fim, cosinhas economicas e outras obras de beneficência. O que se pode quasi afirmar, como certo, é que estes actos de verdadeira barbárie ainda não chegaram ao conhecimento dos que se sacrificam, para que no nosso país deixem de haver braços sem trabalho e, tantas lagrimas que correm, por falta do pão-nosso de cada dia. Não se admite que portugueses, filhos de uma raça que evangelizou e civilizou os povos, servindo-se duma doutrina que ha mais de 19 séculos, é toda impregnada de Justiça e de caridade, se esqueçam de que são seus irmãos todos aqueles a quem negam o pão, e talvez, maltratam á esquina de qualquer rua.

A. Gonçalves de Lima.

**PASSA-SE A
CASA HAVANEZA**

Nacionalismo Português

Pelo professor DOMINGOS EVANGELISTA

A ideologia politica que hoje comanda as diretrizes da Nação Portuguesa tem muito pouco de comum com os principios gerais por que seguiam os governos d'outros países nacionalistas tambem.

Salazar tem mostrado nos seus discursos e nas suas célebres entrevistas como o nosso nacionalismo não é um nacionalismo de opressão e de dominio, mas um nacionalismo que procura agregar a autoridade á liberdade, tendo como tração de união entre estes dois conceitos polares a obediencia inteligente e consciente.

Nos tempos da ditadura Nacional, os mal-intencionados ou os transviados, julgaram-se no direito de se supor num regime estavel de absoluto renuncio do direito individual perante o Estado. Essa desvirtuação da fórmula politica adoptada fez com que alguns, imprevidentemente, julgassem estarmos no pródromos dum regime totalitario.

Em breve viram o engano. **Salazar**, o Chefe incontestavel e incontestado da revolução, o evangelista-mór dos canones da governação nacional, definiu nitidamente os seus principios governativos e filiou-os na tradição e nas aspirações do povo, nas possibilidades dos nossos recursos economicos e até nos defeitos da nossa educação politica.

De facto, no estrangeiro estuda-se o nacionalismo português como sendo um caso específico e original, como sendo um produto tipico das nossas tradições e da nossa idiosyncracia politica, cada vez mais divergente do feroz, intolerante e irreductivel totalitarismo de certos estados ego-nacionalistas.

E' que só **Salazar** pôde ver qual o regime governativo mais conveniente a Portugal. E esse regime, estruturalmente corporativo, dando ao Chefe do Estado atribuições effectivas de «Orgão da Soberania», permitindo ao governo da Nação certa acção independente das Camaras Legislativas, dando á Assembleia Nacional um prestigio e uma coesão moral de que nunca pôde gozar o agregado parlamentar, constitucionalmente fraccionado e enfraquecido pela divergencia politica—esse regime

de ordem e de saneamento moral e economico é tipicamente português, é obra de **Salazar**.

Sim! de **Salazar**.

« Grande Enciclopedia Portuguesa e Brasileira »

Quarenta e seis meses volvidos após a saída do 1.º fascículo da « Grande Enciclopedia Portuguesa e Brasileira », chegamos de novo ás mãos, com a pontualidade costumada, o fascículo 46.º relativo ao mês de Janeiro que, como os restantes já publicados, vem recheado de afirmações de talento dos literatos, cientistas e artistas que constituem o escol da intelectualidade portuguesa contemporânea, reunidos pela primeira vez numa manifestação de valor e vontade que ultrapassa em muito, tudo o que de similar tem sido feito no nosso país e mesmo no estrangeiro. Não podemos, portanto, deixar de verificar com orgulho e imparcialidade que, embora lutando com todas as dificuldades inerentes ás grandes e honestas publicações mundiais, esta magnífica obra singra um caminho de grande elevação intelectual, adquirindo, por vezes, verdadeiros aspectos de magnificencia.

Este fascículo incluye matéria deveras sensacional. Artigos como *Boa-Esperança, Boato, Bobina, Bobo, Bocage, Bochimanês, Bócio, Bóde, Boémia, Boi, Boia, Bojador, Bóla, Bolacha, Bolama, Bolandismo, Bolbo, Bolchevismo, Boletim, Bólha, Bólido, Bolívia, Bólo, Bolor, Bolota, Bolsa e Bom* tratados com a maior autoridade, entre outros pelos ilustres especialistas António Sérgio, Luiz de Oliveira Guimarães, Paulo de Brito Aranha, Santos Júnior, Hernani Cidade, Mendes Correia, Hassé Ferreira, Tomaz Fonseca, Pedro Godinho, Correia Pereira, Xavier Morato, Rocha Madahil, Mangel Peres Júnior, Gonçalves Pereira, Joaquim Pratas, António Maria Pires, etc. dão a tónica deste grandioso empreendimento. Este fascículo incluye ainda ilustrações sensacionais e nada menos de três estampas em separata, uma das quais, representando as raças bovinas portuguesas, devido ao lápis de Duarte de Almeida, foi reproduzida em offset pela Litografia Nacional, do Porto, de forma maravilhosa.

Conhecedores, portanto, das excepções qualidades culturais desta valorosa obra, verificamos com verdadeira satisfação intima que os seus editores propieta-

rios—Editorial Enciclopédia Lida indo ao encontro de justas aspirações e frementes desejos do público leitor resolveu lançar um novo processo de vendas de volumes completos por meio de pagamentos suaves, decisão que nós merece os melhores encômicos, pela facilidade de aquisição que traduz para aqueles que, sabedores da utilidade que significava para eles a compra desta notável obra se viam disso impossibilitados por tal implicar uma despeza bastante onerosa. Para esta Editorial, portanto, e em nome de todos os portugueses que não estejam estranhos às manifestações de intelectualidade tradutoras do progresso dum povo civilizado que um grande papel já desempenhou na história e que, ainda, estamos disso certos, voltará a desempenhar, as nossas sinceras felicitações e agradecimentos pela modalidade criada.

A SENHORA D'AGONIA

Do meu amigo
Hidrio Nunes.

EPISODIO NOSTALGICO EM 1 ACTO CENA DUPLA

A' Direita—Acção em Portugal (aldeia do Minho) numa casa modesta, donde se divisa pelas janelas ao fundo a aldeia, assente sobre a lomba dum monte—campanarios e o Rio Lima serpenteando o povoado.

Mais longe—o Campo e a igreja d'Agonia engalanada de galhardetes e festões. Vozes em canticos populares se ouvem de quando em quando como a ecoação de uns instrumentos como o troar de foguetes. E' dia. Céu limpo.

A' Esquerda—Acção Rio de Janeiro—interior dum comodo pauperrimo.

Personagens — MARIA FERNANDES (camponia minhota, 60 anos)—ANTONIO FERNANDES (30 anos seu filho) e ANA FERNANDES, (filha de Maria, 25 anos)

Ao levantar o pano — vê-se ANTONIO FERNANDES, em completa abstracção, sentado sobre o leito e MARIA FERNANDES, de joelho em prece junto ao santuario.

MARIA FERNANDES (*Em prece*)

Oh Senhora d'Agonia!...
Dai-me um pouco d'alegria...
Dai-me novas de meu filho!...
—Passam-se anos a correr
Sem que descubra saber
Qual e emfim o sen trilhio.

De constante aflicção...
—Livrai o meu coração
—Virgem mãe—olhai por mim!...
Causticai a minha dôr
Trazendo-me o meu amor
antes que tenha o meu fim!...

Cai em completa concentração espiritual

Na esquerda:

ANTONIO FERNANDES *Escrevendo*

Minha mãe!...—Custa-me tanto...
—Pois es.ou banhado de pranto...
Envergonhado a valer.

—Para lhe expor o destino
A que me leva o meu signo,
Que lhe não queria escrever.

A quem sua terra deixou
E sempre, sempre teimou
Contra a vontade dos seus
(—Em que ouvi-los...quiz jámais!...)
—Devia esconder os seus ais
E só contá-los... a Deus!...

Não me assiste o direito
—E é com mágua .. contra-feito...
Que lhe escrevo esta cartinha...
Rogando-lhe a compaixão
P'ra me conceder o perdão
P'ra contar-lhe a vida minha.

Desde a hora que cheguei...
—Jámais a sorte encontrei
P'ra que a sorte me fadasse...
—Em seguida, quiz voltar...
Mas comeci a receber
Que o nosso povo, falasse.

Mas todo esse meu receio
Dissipou-o o grande aneio
—Mande-me pois, dal os laços
Que alimento em vida ver,
Para que volte aos seus braços
E neles possa morrer.

Cai em abstracção

A' Direita:

ANA FERNANDES *Entrando respeitosa-mente*

Mãesinha!... Tiro o jantar
Ou vou antes ao lameiro?...

MARIA FERNANDES

Aquele que anda a cavar
Se deve suster primeiro.

Esse rude cavador
Que na terra faz dar pão
Regando-a com seu suor
Nos consola o coração...
E nos enche de alegria ..
Nunca se deve faltar
Que á hora do meio dia
Tenha pronto o seu jantar.

Toma tu bem nota nisto...
—Não custa nada saber
Que neste mundo de Cristo
—Quem trabalha... quer comer.

Vai Filho: E ao passares
Pelo correio... vê então
Se poderás alcançar
Noticias do teu irmão.

ANA *sai (e entra trazendo uma carta, saindo de novo)*

MARIA FERNANDES *«Lê e escreve» ditando*

A Senhora d'Agonia
Veio-me escher de alegria
Dando-me a tua cartinha...
P'ra mim foi dia festivo
Por saber que estavas vivo
—Oh vida, da vida minha!...

Na carta que me mandaste
Em que tua vida contaste
Dizes que soffres... vais mal.
—Se é assim o teu destino...
Não soffras mais, meu menino
Vem de volta a Portugal!...

Na casa d'onde partiste
E me deixaste bem triste
—Onde nasceste e eu nasci!...
—Ha o mesmo leito e pão
E desse mesmo quinhão
Ha de chegar para ti.

Sangra-me a alma em ferida
Os teus martirios da vida
—Sem te ver, não vivo bem,
—Vou-te a passagem mandar.
Bem podes considerar
O que é amor d'uma mãe!...

Dizes que estás com receio
Que o povo faça paleio
De cá chegares, sem dinheiro?!...
—Que importa que mundo fale
Se Ele para mim nada vale
E tu vales o mundo inteiro?...

ANTONIO (*Desaparece e surge à direita*)

Ha e encontro

Ha um amplexo, caindo nos braços um do outro.

MARIA *«Ao vê-lo»*

Meu filho!... Meu amor!...

ANTONIO

Minha mãe!... — Minha alegria!...

MARIA *«Mãos postas em louvor»*

Louvado seja o Senhor! ..

ANTONIO *«Com um joelho em terra junto ao santuario*

A Senhra d'Agonia!...

Cai o pano

F I M .

Armando Ciras.

O Pelourinho

Quantas pessoas ao avistar no sul desta vila, o pelourinho, olham para aquela coluna de pedra, levantada ao alto sem comprehender o seu significado. Não sabem que ali eram amarrados por tempo variável os condenados e nos seus ganchos pendurados os roubos se a culpa era proveniente desse crime. Era o pelourinho da infâmia, do descredito, da punição corporal e moral. Quem olhar para esse objecto de ignominia, outr'ora tão usado em Portugal, dirá que é um simplicio arcário que passou á Historia. Mas não: a Alemanha de Hitler, desse ousado que pretende fazer uma grande revolução nos usos, costumes e ideias, desse grande povo, acaba de restaurar essa pena na cidade de Wenigerod para os crimes contra a ordem publica ou de difamação da pessoa do Chanceler. Então a civilização anda para traz ou para deante?

Com vista aos telmosos

Em Leiria, um homem tomou ao serviço um rapazito cujo trabalho é pedir esmolas para o patrão. Ai temos a mendicidade como profissão. Não admira porque na renda de pedir ninguém perdeu e é melhor cavá-lo á lingua que á enxada. O que admira é ainda haver teimosos que perfiram dar esmolas á porta que ás Casas de Caridade como o Hospital e A Beneficente. Quantos vadios não sustentará a profissão de pedir?

Se as pessoas abastadas não dessem esmolas á porta, as Casas de Caridade viviam mais desafogadas e acabavam os falsos

mendigos. Depois disto, ainda continuarão na sua teimosia, os relapsos á protecção dos verdadeiros necessitados!...

Calendário

Da importante Casa Havanza, desta vila, recebemos um interessante calendario para 1939, de reclame ao papel de fumar—Conquistador.
Agradecidos.

Colecionadores de selos

O famoso philatelista Mr. Harmer, de Londres, que é o mais celebre colecionador de todo o mundo, diz que o unico commercio que não está em crise é o dos selos do correio, já usados.

O mercado philatelista melhora de dia para dia.

Ha em Londres, em Old Bond Street, uma Bolsa de Selos, que dá a lei a todo o mundo acerca de preços.

E querem saber os leitores?

Vendem-se ali, por ano, noventa a cem milhões de francos, de selos velhos, para colecionadores.

Decididamente, o numero dos maduros, neste mundo de Christo, é infinito.

Trabalhos na Ponte de Fão

Prosseguem activamente os trabalhos na estrada da ponte de Fão.

Calendário

Da antiga e acreditada casa de mercearia, tabacos e cereais do snr. Artur Marques Henriques, desta vila, fomos mimoseados com um elegante calendario para 1939, de reclame á importante fabrica do fermento Activa, da Cruz Quebrada.

Muito obrigado.

Sinal de incendio

Na ultima quarta-feira, pelas 4,30 horas da tarde, tocaram os sinos da vila a fogo.

Procurando-se saber, foi-nos participado era incendio em uma casa ao sul da vila, onde felizmente não houve prejuisos.

Doente

Encontra-se ha bastantes dias retido na leito, encontrando-se um tanto melhor o snr. Antonio Marques Henriques, filho querido nosso bom amigo snr. Artur Marques Henriques, importante industrial desta vila.

Folgamos imenso com as suas melhoras.

REPRESENTAÇÃO

Dirigida á Camara dos Deputados

EM 1914 PELA
Associação Comercial e Industrial

—DE—

ESPOZENDE

Ex.º Senhor Presidente da Camara dos Deputados:

A ASSOCIAÇÃO COMERCIAL E INDUSTRIAL DE ESPOZENDE, por deliberação unanime dos seus associados, vem representar a V. Ex.ª em favor da construção de um porto de abrigo nos baixos denominados «CAVALOS DE FÃO», fronteiros a esta praia.

Há longo tempo que na imprensa do paiz se vem ventilando este momentoso assunto, cuja iniciativa se deve ao snr. Chaves Coudon, pseudonimo que encobre o nome de um verdadeiro patriota, e á propaganda jornalística respondeu já o ministerio da marinha ordenando que os illustres officiais que compõem a missão hydrografica estudassem minuciosamente o local onde se pretende que o porto seja construido.

Desse encargo se desonerou já a referida missão apresentando uma planta cuja cópia resumida a digna Camara municipal d'este concelho enviou na sua representação e igualmente a V. Ex.ª dirigida. E nessa carta descritiva clarissimamente se vê que nenhum outro local foi, como aquele, destinado pela natureza á construção de um seguro porto de abrigo ao norte do litoral português, onde a desprotegida classe piscatoria encontraria um magnifico porto de refugio dos temporaes do sudoeste.

Examinando a penedia, ver-se á que ella é continua numa extensão de 800 metros, disposta em linha de sueste a noroeste e afastada 500 metros da costa, no seu extremo mais proximo, permitindo assim que sobre

aquellas fragas se construa um molhe, a dentro do qual qualquer embarcação encontraria o necessario abrigo.

A profundidade tem a dentro dos baixos uma média de 10 metros na baixamar, sufficiente agua para navegar qualquer barco, segundo a opinião de um illustre official de marinha.

Os depoimentos publicados já largamente, de dois dignos marinheiros, o capitão de mar e guerra snr. Almeida Lima e o 1.º tenente snr. Justino Herz, este ultimo da missão hydrografica, são extremamente elucidativos e convincentes para fazer dissipar possiveis duvidas que porventura ainda hajam sobre a superioridade dos «Cavalos de Fão» para porto de abrigo.

Assim, á face da carta hydrografica official e das opiniões tão autorizadas dos dignissimos officiais da armada, espera este povo de todo o norte do paiz, hoje grandemente interessado neste grandioso melhoramento que fomentaria todo o Minho, q e a digna Camara de que V. Ex.ª é digno presidente não hesite em aprovar um projecto de lei adaptando os baixos dos «Cavalos de Fão», a porto de abrigo para a navegação.

Saude e Fraternidade.

Sala das sessões da Associação Comercial e Industrial de Espozende, aos 10 de Janeiro de 1914.

A Direcção.